

## NOVAS IDENTIDADES E TEMAS EM LINGUÍSTICA APLICADA: INVESTIGANDO OS CARTUNS DE ALLAN SIEBER

Alex Caldas Simões<sup>1</sup>

*Resumo:* A partir de um percurso caracterizador do período moderno/pós-moderno, pretende-se nessa exposição problematizar a Linguística Aplicada (LA), de modo a ressaltar a sua atual emergência epistemológica: é necessário compreender a vida social com/pelos grupos minoritários em suas reais perspectivas, sem hierarquizá-los. Pautados em Moita-Lopes (1996; 2006), Rojo (2006), Bohn (2005), Fabrício (2006), Rajagopalan (2003, 2006a; 2006b) e Hall (2004) observaremos as novas identidades da modernidade presentes “ficcionalmente” nos cartuns de Allan Sieber. Concluímos a investigação indicando que novas identidades surgiram no contexto da modernidade e, portanto, emerge na LA a necessidade de construção de novos paradigmas teóricos e práticos.

*Palavras-Chave:* Identidade. Linguística Aplicada. Modernidade.

## NEW IDENTITIES AND TOPICS IN APPLIED LANGUAGE: INVESTIFATINS THE ALLAN SIEBER CARTOONS

*Abstract:* From a path that characterizes the modern period/post-modern, we want in our showroom to discuss the Applied Linguistics (LA), to highlight its current emergency epistemological: it is necessary to understand the social life with/by minority groups in their real perspectives, without organizing them hierarchically. Guided by Moita-Lopes (1996, 2006), Rojo (2006), Bohn (2005), Fabrício (2006), Rajagopalan

---

<sup>1</sup> Doutorando em Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

(2003, 2006a, 2006b) and Hall (2004) observe the new identities of modernity presents “fictionally” in Allan Sieber cartoons. We completed the research indicating that new identities emerged in the context of modernity and therefore emerges at the LA need to build new paradigms of theoretical and practical.

*Keywords:* Identity. Applied Linguistics. Modernity

## As consequências da modernidade

Ao observarmos o campo da Linguística Aplicada (LA) percebemos que ela deixou, há algum tempo, de problematizar a antiga tensão entre “Linguística Aplicada *versus* Linguística teórica” para se concentrar no interior de seu próprio campo de estudo. Tal mudança se fez necessária hoje, pois a sociedade contemporânea sente mais energicamente a vida moderna e/ou pós-moderna. Antes de desenvolvermos essa questão, cabe aqui realizarmos um pequeno panorama caracterizador do período moderno e/ou pós-moderno de forma a entendermos com maior clareza a atual necessidade epistemológica do campo Linguístico Aplicado.

Modernidade, segundo Anthony Giddens (1991, p. 11), “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiam na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” Para Marshall Berman (2007, p. 24) “ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.”

Berman (2007) dividiu o fenômeno da modernidade em três fases. A primeira fase começou no século XVI e foi até o final do século XVIII e corresponde ao período em que a sociedade estava apenas começando a viver a modernidade e não sabia muito bem como agir diante dela. A segunda fase

começou com a onda revolucionária de 1790 — com a revolução francesa — e corresponde ao período em que as pessoas viviam um pouco mais intensamente a dicotomia “viver na revolução e ao mesmo tempo lembrar o que era viver material e espiritualmente”. E a terceira fase corresponde ao período em que o processo de modernização se expandiu e abarcou o mundo todo: a arte, o pensamento e muitas outras formas de atividade humana.

Dentre as características dessa nova sociedade, destacamos juntamente com Giddens (1991) que atualmente: (a) vivemos em um ritmo acelerado de mudanças — a mudança na modernidade é extrema e essa aceleração toma as tecnologias e todas as outras esferas da vida humana —; (b) vivemos em um escopo de mudança onde “diferentes áreas do globo são postas em interconexão” (GIDDENS, 1991, p. 16) ocasionando uma transformação global e geral da sociedade; (c) vivemos em uma sociedade em que “as formas sociais modernas simplesmente não se encontram em períodos históricos precedentes” (GIDDENS, 1991, p. 16).

Ainda podemos dizer, como também indica Berman (2007, p. 24), que a modernidade “nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia”. As constantes mudanças têm levado a atual civilização a sentir muito profundamente uma enorme ausência e vazio de valores, e, ao mesmo tempo, contraditoriamente, a tem levado a viver uma “desconcertante abundância de possibilidades” (BERMAN, 2007, p. 24), o que provoca um processo de individualização. O sujeito moderno está “isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2004, p. 32).

Nesse crescente turbilhão moderno alguns acreditam, segundo Berman (2007: 33), que a única solução para tamanho caos seria “tentar deixar de viver.” Outros, entretanto, segundo o autor (2007), acreditam que o homem de amanhã

trará no futuro os valores que o homem do presente ainda não possui: pois hoje somos “seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual, ou pessoal — quase poderíamos dizer: sem ser” (BERMAN, 2007, p. 39).

Essa crença em uma nova sociedade configura o panorama histórico-social da pós-modernidade: “[a]lém da modernidade, devo argumentar, podemos perceber os contornos de uma ordem nova e diferente, que é ‘pós-moderna’” (GIDDENS, 2007, p. 13). Entretanto, segundo Giddens (1991), a sociedade ainda não vive a época pós-moderna, observa apenas poucos relances dessa nova ordem social.

Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as consequências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes (GIDDENS, 1991, p. 13).

Tais radicalizações, segundo Giddens (1991), se configuram na medida em que o advento da modernidade trouxe a população mundial enormes benefícios industriais e de modos de vida; em detrimento, nem sempre previsto, de um certo desgaste ambiental. Essa nova ordem social, ainda moderna, configura-se, segundo o autor, por um sistema econômico capitalista móvel/acelerado, haja vista o ciclo crescente entre investimento-lucro-investimento. A euforia econômica, entretanto, não se deve tanto a uma ordem capitalista, mas sim a um forte processo de industrialização:

O caráter de rápida transformação da vida social moderna não deriva essencialmente do capitalismo, mas do impulso energizante de uma complexa divisão de trabalho, aproveitando a produção para as necessidades humanas através da exploração industrial da natureza (GIDDENS, 1991, p 20).

Podemos compreender esse dinamismo moderno, como também indica Giddens (1991), entendendo que vive-

mos uma dissociação tempo-espaço, ou seja, a modernidade “arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros ‘ausentes’, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face” (GIDDENS, 1991, p. 27). Essa dissociação tempo-espaço, ocasionada pela modernidade, afeta consideravelmente o nosso modo de vida atual, uma vez que as categorias de tempo e espaço atualmente, segundo Giddens (1991, p. 29), são recombina-das “para formar uma estrutura histórico-mundial genuína de ação e experiência”.

Nesse novo contexto tempo-espacial, a sociedade vive uma experiência singular de desencaixe, ou seja, um “desloca-mento” das relações sociais de contextos locais e de intera-ção e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1991, p. 29). Nessa ação de desencaixe predominam a confiança — que, segundo Giddens (1991), pressupõe uma consciência de risco — e uma reflexi-bilidade sobre a vida social — afinal, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz de infor-mação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 45).

Com estes dois aspectos do desencaixe, a sociedade moderna vive um impasse: ela, por ser reflexiva, sabe que o conhecimento que formula nunca será seguro, uma vez que é constantemente reformulado: “[e]m ciência, *nada* é certo e nada pode ser provado, ainda que o empenho científico nos forneça a maior parte da informação digna de confiança so-bre o mundo a que podemos aspirar” (GIDDENS, 1991, p. 46).

A atmosfera moderna, em resumo, pode ser descrita pelas palavras de Berman (2007, p. 28) como um espaço de “agitação, expansão das possibilidades de experiência e des-truição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto expansão e auto desordem”.

Diante deste novo cenário de vida surgem inúmeras novas identidades sociais e institucionais; isso nos leva a uma crise de identidade, uma vez que “[...] uma mudança estrutural está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade” (HALL, 2004, p. 9). Esta reação à sociedade moderna nos conduz à pós-modernidade, a qual para Stuart Hall (2004: 10), corresponde a uma “modernidade tardia”.

Esse novo cenário estrutural tardio tem levado a formação de um sujeito diferente, fragmentado: “composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (HALL, 2004, p. 12). Estas identidades, portanto, não são fixas ou permanentes; alteram-se de acordo com os diferentes momentos histórico-sociais vividos por cada indivíduo ou sociedade. Hall (2004) indica que, na modernidade tardia, surgirão novas identidades culturais advindas de processos de tradução cultural: são formações de identidade de pessoas que não moram mais em sua terra Natal, mas que mantêm vínculos com as suas tradições e costumes, “elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades” (HALL, 2004, p. 88). Esse é o caso, por exemplo, de uma imigrante brasileira que se casa com um americano. Ela não mora mais no Brasil, mas ainda assim mantém os seus costumes.

## **Novos paradigmas de pesquisa para a Linguística Aplicada**

Diante deste caldeirão moderno e pós-moderno, a Linguística Aplicada (LA), segundo Moita-Lopes (1996), procura se desenvolver em torno dos seguintes elementos: (i) visa a resolução de problemas de usos da linguagem tanto no contexto escolar quanto fora dele; (ii) observa a linguagem do ponto de vista de sua interação tentando descrever como ela

se processa; (iii) localiza-se entre o campo teórico e os problemas de uso da linguagem; e (iv) utiliza um arcabouço teórico advindo de diversas áreas do conhecimento humano para dar conta de analisar e de interpretar um objeto, o que pode fortalecer/criar um determinado modelo teórico de pesquisa.

Segundo Moita-Lopes (1996) a tendência atual dos estudos em Linguística Aplicada (LA) se foca “na sala de aula” e não “para sala de aula”, ou seja, o pesquisador de LA tem se tornado um professor-pesquisador que realiza pesquisas de intervenção, seja pelo método etnográfico — observação participante — ou pelo método interativista — pesquisa não-participante com caráter de interação mais planejado.

Moita Lopes (2006) afirma que o antigo debate “Linguística teórica *versus* Linguística aplicada” migrou para o interior da LA: há uma preocupação por novas epistemologias, por um projeto de renovação e de reinvenção da Linguística Aplicada, afinal, o mundo já não é mais o mesmo. Segundo o autor há na contemporaneidade uma plenitude icônica e novas identidades: é necessário, compreender a vida social com os grupos minoritários “em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los” (MOITA-LOPES, 2006, p. 96). Dessa forma, a condição essencial das pesquisas em Linguística Aplicada (LA) na contemporaneidade, principalmente após a virada discursiva, é o estudo da linguagem sob o enfoque do social, do político e do histórico. Fazer pesquisa em Linguística Aplicada (LA) é realizar uma teorização política e ideológica “em que teoria e prática sejam conjuntamente consideradas em uma formulação de conhecimento” (MOITA-LOPES, 2006, p. 101).

Em relação à modernidade e/ou à pós-modernidade e aos novos temas abordados em Linguística Aplicada (LA), Rojo (2006) afirma que é necessário que a LA da pós-modernidade entenda que só conseguirá refletir as soluções para os problemas sociais da linguagem na medida em que

esta se veja como um campo transdisciplinar tomando como objeto de estudo as privações sofridas, ou seja, os estudos de casos desviantes, para assim estruturar suas próprias configurações teórico-metodológicas que a definirão como campo de pesquisa acadêmica diferencial.

Agregando-se a esta discussão da pós-modernidade, Bohn (2005) acredita que é na diferença, nas dicotomias em contraste, que surgirão as “respostas” às novas perspectivas da Linguística Aplicada (LA), pois o que se estuda hoje são as similitudes e não os desvios (as novas identidades). A atual perspectiva da LA, portanto, se dirige ao estudo dos casos desviantes<sup>2</sup>: novos paradigmas, segundo ele (2005), se fazem na diferença e não no universal.

Fabrcio (2006) indica ainda que o mundo contemporâneo, moderno e/ou pós-moderno, se caracteriza por um constante movimento, oscilando entre continuidades e rupturas. Dessa forma, no século XXI a Linguística Aplicada (LA) reivindica temas e pesquisas que se comprometam com a política, a ética e com uma ação transformadora/intervencionista na sociedade. Ela postula também que são os espaços marginais os focos de estudos atuais em LA. É preciso que a Linguística Aplicada (LA) moderna e/ou pós-moderna se “desaprenda”, ou seja, que a LA aposte na fluidez e comece a encarar a mestiçagem — a hibridização — como elemento diferencial para a construção do novo.

Essa necessidade também é percebida por Rajagopalan (2006): afinal, segundo ele, a teoria linguística deve se articular com sua prática; da prática também se pode formar a teoria. Nesse sentido, toda a atual Linguística Aplicada (LA) precisa ser repensada. Sobre as novas identidades da modernidade e/ou pós-modernidade, Rajagopalan (2006) afirma que, por muito tempo, a questão da identidade foi tratada de

---

<sup>2</sup> Entendemos aqui casos desviantes, segundo Bohn (2005), como temas de pesquisa marginais ou grupos minoritários marginalizados.



forma pacífica, como se fosse fácil responder a pergunta “quem sou eu.” A identidade hoje não é fixa ou estanque: “[a] identidade como algo total estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa, étnica, numa escala sem precedentes” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 40).

Ainda segundo Rajagopalan (2006) a formação de uma identidade está atrelada a inúmeras questões de interesse político — ou, ainda, às conveniências do momento (Cf. RAJAGOPALAN, 2003). A identidade se constrói “na língua e através dela” (RAJAGOPALAN, 2006, p. 41), afinal, as identidades, segundo o autor, estão em constante renovação e recriação.

## **Novas identidades na modernidade e/ou pós-modernidade**

Em meio a esta agitação teórica e contemporânea ressaltada na seção anterior, cabe-nos aqui ressaltar algumas das novas identidades surgidas na modernidade e/ou pós-modernidade como forma de indicar a necessária urgência da Linguística Aplicada (LA) quanto à busca por novos temas e abordagens epistemológicas. Para tanto analisaremos alguns dos cartuns de Allan Sieber<sup>3</sup>, presentes em seu site pessoal

---

<sup>3</sup> “Considerado ácido e deveras sarcástico, o Gaúcho Allan Sieber (1972-atual) é apontado pela mídia como o mais promissor caricaturista da atualidade. Vencedor do troféu HQ-Mix de revelação no ano de 2004 – o Oscar dos quadrinhos no Brasil –, o autor produz cartuns, tiras e ilustrações para muitas mídias (Cf. site pessoal do Autor). Dentre as suas mais famosas criações está a série de tiras Preto no Branco, Mommys Boys e Vida de estagiário – que recentemente virou um sitcom na Tv Cultura em 8 episódios (Cf. site pessoal do Autor) –, todas publicadas pela *Folha de S. Paulo* desde 2000. Allan ainda publicou no *Estado de São Paulo*; hoje é colaborador fixo da revista *Playboy* e *Folha de S. Paulo*. O autor também se dedica a animação tendo produzido diversos filmetos, como as animações do filme de Jorge Furtado *O*

<http://talktohimselfshow.zip.net/>, seção cartuns. Aqui, podemos entender cartuns como um gênero discursivo que possui como propósito social a exposição imagética de experiências sociais atemporais vividas e compartilhadas por uma sociedade e por uma cultura particular (Cf. SIMÕES, 2011). Podemos ressaltar ainda que um dos estágios de composição obrigatórios do cartum é a interdiscursividade (Cf. SIMÕES, 2010b), onde um fato ou personagem figurante retratado é fruto de um imaginário social coletivo<sup>4</sup>, político ou cultural, ainda que satirizado. Ao entendermos o cartum como um construto linguístico formulado por um imaginário coletivo (Cf. SIMÕES, 2010b), procuraremos também, desde que possível, identificar situações ou fatos noticiados pela mídia que retratam, ainda que em parte, o imaginário social retratado nos cartuns.

## Um novo homem: vaidoso e preocupado com a estética

Uma das novas identidades analisadas por nós consiste na construção de um novo modelo de homem. Como consta na figura abaixo (Figura 1), observamos uma nova identidade social de homem, vaidoso e preocupado com a aparência, com o condicionamento estético e com o estilo pessoal. Tais características migraram da mulher, sempre preocupada com

---

*homem que copiava* e as aberturas do programa Global Muvuca e da série *A invenção do Brasil*. Allan participou da criação da Revista F. juntamente com Arnaldo Branco, a mais recente tentativa do humor de caricatura no Brasil, publicada pela editora Conrad em 2004.” (SIMÕES, 2010a, p. 15-16).

<sup>4</sup> Podemos aproximar o que chamamos de “imaginário coletivo” do conceito discursivo de doxa, como propõe Amossy (2005: 125) – onde doxa corresponde ao “saber prévio que o auditório possui sobre o orador”, ou seja, um saber compartilhando por uma sociedade. Outras correntes teóricas da linguística podem chamar tal termo de: crenças (Cf. BARCELOS, 2007); imaginário sócio discursivo (Cf. CHARAUDEAU, 2008), entre outros.

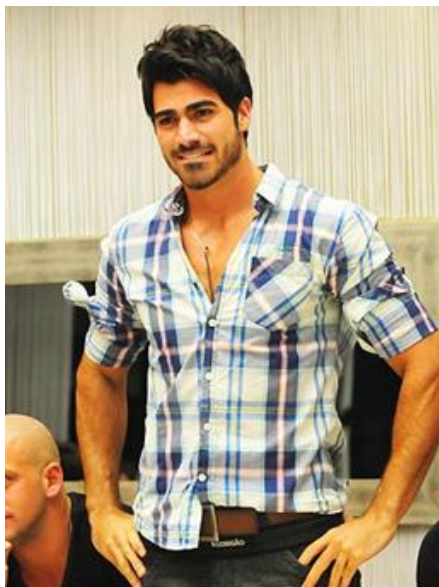
a aparência, estética, saúde e beleza. Esse novo modelo de homem — poderíamos dizer até metrossexual — corresponde ao um novo *status* social, onde a sua orientação sexual não é implicada. Dessa forma, homens que cuidam da aparência e estética podem não ser homossexuais. Socialmente, frases como “nossa, fulano é um moça, gasta mais tempo cuidando do cabelo do que eu que sou mulher” ou “tá tão perfumado que parece até uma mulher” indicam que a sociedade ainda não entende muito bem essa nova identidade social, onde um homem assume cuidados com a beleza e com a estética similares aos de uma mulher. No cartum podemos observar um homem que procura, ao excesso, manter a sua elegância e estilo durante as preliminares da relação sexual. Essa ação, como pode ser observado, assusta a mulher. Acreditamos que esse desconforto é o indício de uma nova identidade social em construção ou marginalizada.

Recentemente a última edição do Big Brother Brasil (BBB11) indicou algumas novas identidades sociais. Uma delas, associada aos nossos comentários anteriores, refere-se à figura de um homem que se preocupa com a estética e beleza. O participante Rodrigo (Figura 2), por ser identificado socialmente por/com essa nova identidade social — metrossexual — foi rotulado pela mídia como homossexual. Ao sair da casa do BBB11, o modelo desmente os boatos e afirma: “gosto é de mulher” (Cf. BRANOTÍCIAS, 2011).

Figura 1 — Novo homem (SIEBER, 2011, *on line*)



Figura 2 — Rodrigão, participante do BBB11 (foto de divulgação)



Uma nova identidade social de homem com preocupações estéticas — metrosssexual — tem surgido socialmente. Diante desse novo paradigma, ainda não estudado ou investigado em suas particularidades, a sociedade acaba identificando uma identidade social nova com uma antiga ou já conhecida, acreditamos ser dessa relação a origem da construção de muitos preconceitos.

### **Volevolei: a identidade homossexual no mundo dos esportes**

Um dos cartuns de Allan Sieber (Figura 3) retrata o mundo dos esportes, mais especificamente o voleibol brasileiro. Nesse cartum há a construção de uma nova identidade social, ainda que já conhecida atualmente, a identidade ho-

mossexual. Aqui essa identidade é construída no mundo dos esportes.

Figura 3 — Volevolei (SIEBER, 2011, *on line*)



Figura 4 — Michel dos Santos, jogador do Vôlei Futuro (foto de divulgação)



O cartum retrata uma partida de voleibol masculino. Nela jogadores se cumprimentam de forma particular. Esse cumprimento parece comum para *um* dos jogadores, enquanto para o outro esse cumprimento particular parece insinuar a construção de uma identidade sexual homossexual. Ainda pode-se notar a indicação da numeração das camisas “6” e “9” que, em conjunto, indicam a numeração 69, referência implícita a uma posição sexual.

Recentemente, um caso no mundo dos esportes levantou a discussão dessa nova identidade homossexual no mundo dos esportes. Michel dos Santos (Figura 4), jogador de Vôlei do Vôlei Futuro, foi hostilizado em público durante uma partida da superliga de vôlei masculino. O fato levou o jogador a declarar e assumir a sua identidade homossexual.

A partir dessa constatação entendemos que certas práticas sociais, como as práticas esportivas, parecem não conviver muito bem com as identidades marginalizadas. Esse desconforto, indica-nos novamente que novas identidades tem surgido na vida contemporânea.

## A redefinição da identidade sexual do homem na prisão

No cartum abaixo (Figura 5), podemos perceber a construção de uma nova identidade social. O referido cartum retrata a situação de um meliante que foi encaminhado à prisão pela primeira vez. Ele é coagido por alguns detentos a realizar práticas sexuais.

Figura 5 — Piada 1 (SIEBER, 2011, *on line*)



Podemos observar que um dos detentos apresenta um comportamento sexual redefinido. O detento se identifica enquanto homem, porém sua prática sexual é realizada com outros homens, ou seja, o detento é um homem que gosta de homens, porém não se identifica como homo(bi)sexual. Esse comportamento social já foi identificado por Simões e Gomes (2010) em análise das identidades sociais presentes “ficcionalmente” nas tiras cômicas de *Aline* do cartunista



Adão Iturrusgarai. Nessa pesquisa o personagem Pedro, um dos dois namorados de Aline, foi identificado como detentor de uma identidade nova: um homem que gosta de outros homens, mas não se identifica como homossexual.

Essa identidade descrita parece refletir as características do período moderno e/ou pós-moderno, onde as identidades são fluidas e contraditórias (Cf. BERMAN, 2007). Por ainda não haver um estudo mais aprofundado sobre o comportamento dessa nova identidade, a sociedade acaba tendo juízos e colaborando para a construção de estereótipos e preconceitos.

### **Surfista de cristo: surfista sim, maconheiro não!**

O cartum de Allan Sieber abaixo (Figura 6) indica a construção de uma nova identidade social. O imaginário social sobre o surfista encontrado no cartum indica que o surfista, de forma geral, é faz uso da erva conhecida como maconha. A nova identidade social se constrói na medida em que há um novo tipo de surfista, um surfista bem “apessoado” — sarado — e cristão.

Figura 6 — Surfista de Cristo (SIEBER, 2011, *on line*)



Essa nova identidade social reflete aspectos da modernidade na medida em que há a procura por caminhos alternativos para a profissão de enigmas e questões religiosas, construindo mais uma possibilidade individual de escolha para a profissão de credices e fé (Cf. BERMAN, 2007). A carência de pesquisas sobre identidades sociais e seus comportamentos nos leva a cristalizar estereótipos e perpetuar preconceitos, como no caso dos surfistas.

## A identidade travestida: o caso da travesti

O cartum intitulado “Japa cor” (figura 7) de Allan Sieber indica a construção de mais uma nova identidade social do período moderno e/ou pós-moderno. No cartum dois personagens figurantes (Cf. SIMÕES, 2010b) conversam. Um deles é um japonês e o outro um homem travestido de mulher.

Figura 7 — Japa cor (SIEBER, 2011, *on line*)



O cartum reflete alguns imaginários sociais, em especial sobre as mulheres do Brasil. Percebemos, a partir da imagem, que um dos personagens figurantes (Cf. SIMÕES, 2010b) assume uma nova identidade social: um homem que se traveste de mulher a fim de se relacionar sexualmente. Essa identidade ainda pode ser descrita como sendo a de um homem com aspecto feminino, mas com órgão genital masculino. Novamente expressa-se no cartum a ambivalência e constante contradição das novas identidades modernas (Cf. BERMAN, 2007).

## Conclusão

A partir das formulações acima, podemos perceber que o mundo moderno/pós-moderno, ainda que de certa forma ficcional, apresenta muitas novas identidades, até mesmo marginais, que ainda não foram muito bem definidas e anali-

sadas pela ciência. Cabe ao campo científico pertencente à Linguística Aplicada, portanto, a tarefa de, como já explicitado na pesquisa, compreender a vida social com os grupos minoritários “em suas perspectivas e vozes, sem hierarquizá-los” (MOITA-LOPES, 2006, p. 96).

Tal tarefa, uma vez configurada, proporcionará um novo olhar para velhos problemas, o que corresponderá, quem sabe, a formulação de algumas soluções para antigos paradigmas teóricos e práticos indecifráveis. Afinal,

[t]alvez a próxima grande revolução na linguística resulte da constatação, por parte dos teóricos, de que muitos dos incontroláveis fenômenos que desafiam as teorias contemporâneas só começarão a fazer sentido, ao que tudo indica, quando começamos a levar seriamente em conta a possibilidade das identidades ‘vira-latas’ de Rushdie, o que significa identidades em permanente estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 2006, p. 42).

Talvez ainda haja, ao observarmos as novas identidades, a possibilidade de entendimento de antigas identidades sociais. Em nossa primeira análise dos cartuns de Allan Sieber percebemos uma nova identidade social masculina, o homem metrosssexual. Esse novo homem reflete os cuidados femininos com a estética e a beleza, mas não é homossexual. Percebemos ainda, em análise subsequente, a construção de uma identidade homossexual no mundo dos esportes retratada no cartum *volevolei*. Outra identidade analisada, na seção 3.3, foi a redefinição da identidade sexual dos presos, aqui o detento se considera homem, apesar de praticar atos sexuais com outros homens. Na antepenúltima análise ressaltamos a identidade social dos surfistas de cristo, esteticamente belos e não-fumantes de ervas ilegais, como indicou o estereótipo social dos surfistas no cartum. Em nossa última análise percebemos a construção de uma identidade social

travestida, um homem que se apresenta como mulher, mas possui órgão genital masculino.

Podemos concluir que diante desse novo paradigma identitário, a sociedade, por desconhecimento, acaba relacionando “novas identidades sociais” com “antigas identidades sociais”, o que acaba por construir muitos preconceitos e discriminações.

Nos parece ainda que algumas práticas sociais, como as do esporte, parecem não conviver muito bem com as identidades marginalizadas. Esse desconforto, indica-nos novamente que novas identidades tem surgido na vida contemporânea e ao estudá-las em suas perspectivas e vozes podemos entender ainda mais os desejos e práticas dessa mesma prática social.

A partir da análise e da descrição dessas identidades sociais marginalizadas, inserida em qualquer prática social, talvez possamos descobrir (quem sabe) as motivações, crenças e desejos dos homens e das mulheres de nossa época e de outras épocas, o que acabará por fomentar a construção de novos paradigmas teóricos e práticos para Linguística Aplicada (LA).

## Referências

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à análise do discurso. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso — a constituição do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-28.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés; Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 24-49.

BOHN, H. I. As exigências da Pós-modernidade sobre a pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. In: FREIRE, M. M.; ABRAHÃO, M. H. V.; BARCELOS, A. M. F. (Org.). *Linguística Aplicada e Contemporaneidade*. São Paulo, SP: ALAB; Campinas, SP: Pontes Editores, 2005, p. 11-23.

BRANOTÍCIASFIQUEINFOMADO. *Rodrigão diz que não é homossexual*. Disponível em: <http://www.branoticias.com.br/noticias/rodrigao-diz-que-nao-e-homossexual-6925.html>. Acesso em: 20 Abril de 2011.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso* — modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem” redescritões em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 45-66.

GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Ed. UNESP, 1991. p. 11-60.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Linguística Aplicada. In: *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizado de línguas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996. p. 17-25.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-107.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no*

campo aplicado. 4. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006a, p. 21-45.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. da (org.). *Por uma linguística INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006b. p. 149-168.

ROJO, R. H. R. Fazer Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica: privação sofrida e leveza de pensamento. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística INdisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 253-279.

SIEBER, A. *Cartuns*. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/allansieber/cartuns>. Acesso em: 20 Abr. de 2011.

SIMÕES, A. C. 170 anos de caricatura no Brasil: personagens, temas e fatos. *Revista Liguasagem*. São Paulo: UFScar, v.15, p. 1-15, 2010a.

SIMÕES, A. C. *A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura*. Dissertação de mestrado, DLA — UFV: 2010b.

SIMÕES, A. C.; GOMES, M. C. A. *Por novos temas e abordagens em Linguística Aplicada — uma viagem através das novas identidades do século XXI nas tirinhas de Adão Iturrusgarai*. *Guavira*, v.10, p. 99-101. 2010.

[Recebido: 23 set. 2015 - Aceito: 25 out. 2015]